



**HAL**  
open science

## Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ?

Laure Empeiraire

► **To cite this version:**

Laure Empeiraire. Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ?. ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (ARU, Revue de recherche interculturelle du Rio Negro), 2018, pp.21-27. hal-04694836

**HAL Id: hal-04694836**

**<https://hal.science/hal-04694836v1>**

Submitted on 11 Sep 2024

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

EMPERAIRE L. 2018, "Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ? (Quelles innovations pour les systèmes agricoles traditionnels ?)". *ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (Revue de recherche interculturelle du Rio Negro)*, 2, p. 21-27.

Crédits photographiques ©Emperaire /Pacta IRD-Unicamp CNPq

## Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ?

Laure Emperaire, IRD – UMR 208 PALOC

O objetivo desse artigo é fornecer um suporte para construir uma reflexão compartilhada entre atores de vários horizontes (governamentais, associativos, científicos...) sobre o futuro da diversidade das agriculturas tradicionais, indígenas ou não indígenas, no Brasil.

Ressaltamos a vulnerabilidade dessas agriculturas diferenciadas frente aos processos de homogeneização e globalização pelos quais populações e ecossistemas do mundo inteiro estão passando. As agriculturas tradicionais são de pouca visibilidade frente às opções produtivistas. Ora, há hoje uma perda de diversidade agrobiológica e uma perda de saberes e práticas que se revelam portadores de soluções frente aos desafios do mundo atual, frente “a transição



ecológica”, cujo aspecto emblemático, mas não único, é aportar respostas frente às mudanças climáticas. Temos também que considerar que a diversidade das agriculturas é uma forma de expressão da diversidade cultural, de modos de se relacionar com o meio ambiente e que faz parte do patrimônio cultural dos povos tradicionais e comunidades indígenas.

Os sistemas agrícolas tradicionais resultam de contínuas adaptações às modificações ambientais, socioeconômicas e culturais. São sistemas altamente dinâmicos elaborados pelas populações locais e cuja qualificação de “tradicional” se refere a uma estreita intricação entre território e sociedade e não a um imobilismo ancorado no passado. A tradição é dinâmica na sua essência e pode incorporar aspectos da modernidade ou da globalização desde que esses não sejam destruidores das relações sociais, de formas de saber e fazer, da diversidade de plantas, de uma soberania alimentar ou outros elementos considerados como relevantes pelas populações locais. A questão levantada aqui é identificar quais instrumentos representam uma oportunidade para a continuidade de sistemas agrícolas tradicionais e como construir políticas públicas que permitam sua perenidade.

## II. O Sistema Agrícola do Rio Negro

---

Em 2010, o Sistema Agrícola Tradicional do Rio Negro (SAT-RN) no noroeste da Amazônia foi reconhecido como patrimônio cultural do Brasil respondendo assim à solicitação das associações indígenas locais, a ACIMRN, a FOIRN e a ASIBA. Era a primeira vez que um sistema agrícola era reconhecido como patrimônio de forma explícita apesar de numerosos bens

EMPERAIRE L. 2018, "Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ? (Quelles innovations pour les systèmes agricoles traditionnels ?)". *ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (Revue de recherche interculturelle du Rio Negro)*, 2, p. 21-27.

Créditos fotográficos ©Emperaire /Pacta IRD-Unicamp CNPq

registrados incorporarem elementos de sistemas agrícolas tradicionais (acarajé, queijo de Minas, etc.).

A diversidade das mandiocas é o elemento entorno do qual é construído essa agricultura de corte e queima. É fundamentada baseada em um ciclo contínuo roça-capoeira-floresta que mantém a paisagem florestal como é aparente nas margens do Rio Negro. O cultivo da mandioca é caracterizado por uma alta diversidade, com mais de uma centena de variedades na escala regional. O Rio Negro é a região do Brasil onde se concentra a maior diversidade de qualidades de manivas. Há também inúmeras outras plantas cultivadas, frutíferas e outras plantas alimentares. Cerca de 300 plantas cultivadas foram recenseadas, mas, no meio delas, a mandioca tem um lugar de destaque : ela ocupa a maior parte do espaço cultivado e, com seus numerosos preparos, está na base da alimentação. Mas, além de tudo, está no centro da atenção das *donas de roça*, as mulheres indígenas que são especialistas dessa diversidade de manivas e outras plantas. Seus saberes agrônômicos sobre as variedades, seus nomes, suas origens, suas necessidades, seus ciclos de cultivos, suas propriedades para alimentação ... estão na base da autonomia e segurança alimentar da família. O saber masculino se refere mais a abertura e queima da roça.



Porém não são apenas as formas de manejar o espaço que permitem manejar a agrobiodiversidade, ou o conjunto das plantas cultivadas. O sistema agrícola do Rio Negro não é constituído apenas de plantas e de roças. O que organiza ele, são maneiras de se representar o mundo, idéias e conceitos. Assim uma roça tem que ter de tudo, manivas, frutíferas, plantas medicinais, plantas para pescar com os vários cunambis, para tecer com o curauá, uma roça tem que ser completa. Dessa completude resulta a beleza da roça, com sua diversidade de cores de folhagens e de formas. Tem que cuidar dela, e isso passa por uma relação estreita entre as plantas cultivadas em uma roça e a dona de roça. As plantas não são apenas plantadas, elas são criadas. Os cuidados visam o bem-estar desse mundo vegetal da roça. Mas esse mundo não é estático, ele é sempre remanejado em função de uma imensa rede de troca das manivas e outras plantas. Elas circulam ao longo do Rio Negro e de seus afluentes entre parentes e conhecidos. Assim são incorporadas no acervo de uma dona de roça novas plantas ou novas manivas de outras áreas. Redes entre indivíduos, parentes ou conhecidos, garantem a circulação do bem coletivo formado pela diversidade das plantas cultivadas. Há um processo contínuo de experimentação e inovação que garante a integração de novas variedades e sua

EMPERAIRE L. 2018, "Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ? (Quelles innovations pour les systèmes agricoles traditionnels ?)". *ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (Revue de recherche interculturelle du Rio Negro)*, 2, p. 21-27.

Créditos fotográficos ©Emperaire /Pacta IRD-Unicamp CNPq

adaptação a novas condições. O conjunto das manivas cultivadas em uma roça pode ser considerado como uma coleção cujo conteúdo é sempre renovado. Esse processo dinâmico garante a circulação do bem coletivo constitui o âmago do Sistema agrícola do Rio Negro. É um sistema aberto à inovação, o que garante sua adaptabilidade a novas condições ecológicas ou econômicas.

### III. A frente modernizante do Estado

---

Após o registro desse bem foram criados Conselhos da Roça e um Comitê Gestor com a finalidade de definir e implementar ações específicas de salvaguarda. Mas, os acontecimentos tomaram um novo rumo em 2012-2013 com a introdução de um projeto estadual de desenvolvimento agrícola na região que visava principalmente à produção de farinha de mandioca para o mercado local e regional. Ações de modernização como inscrição cadastral, abertura mecanizada de parcelas agrícolas, previsão de uso de insumos, construção de casas de farinha modernizadas, difusão do modelo de "boas práticas" foram implementadas, principalmente no entorno da sede do município de Santa Isabel do Rio Negro, levando a substituição junto a alguns agricultores do sistema tradicional por uma agricultura de base mecanizada.

O objetivo se configurava local e regionalmente como a criação de um mercado para a farinha produzida no entorno da cidade ou outras localidades sem levar em conta as especificidades da agricultura indígena local e os saberes agro-técnicos das populações locais. Funcionou na base da aplicação de pacotes agro-tecnológicos criando embates entre



políticas públicas, uma de valorização cultural ancorada em um "agroecosociossistema" de características territorializadas, outra de valorização econômica respondendo a um modelo não diferenciado de modernização agrícola em função de objetivos econômicos que partia do pressuposto do "arcaísmo" ou "subdesenvolvimento" dessas agriculturas e de uma necessária modernização sem levar em conta suas linhas de força (bem coletivo, suporte de relações sociais, soberania alimentar, manutenção de uma alta diversidade de recursos fitogenéticos, funcionamento de tipo agroecológico, produtos orgânicos, manutenção da paisagem florestal ...). Isso a contramão da tendência atual que é de valorizar a riqueza e a sustentabilidade de agriculturas tradicionais bem como promover uma alimentação saudável e usar circuitos curtos de comercialização.



EMPERAIRE L. 2018, "Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ? (Quelles innovations pour les systèmes agricoles traditionnels ?)". *ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (Revue de recherche interculturelle du Rio Negro)*, 2, p. 21-27.

Créditos fotográficos ©Emperaire /Pacta IRD-Unicamp CNPq

Se há alguns elementos técnicos positivos dessa modernização, ela fragiliza, no entanto radicalmente as bases do SAT-RN, pelas transformações das categorias de significado embutido nele, pela perda de diversidade de recursos fitogenéticos que vai gerar, pela erosão dos solos *etc.* Duas políticas públicas andam em descompasso e repousam sobre premissas divergentes : *agricultura versus agri-cultura*. No entanto a *agricultura* sendo hoje a única proposta que abre um mercado e oferece uma renda econômica para parte da população, não existem condições de escolha para as populações indígenas. Outras políticas públicas são necessárias.

#### **IV. Quais definições de um sistema agrícola ? Elementos metodológicos**

Essa breve análise mostra o quanto é importante dar uma maior visibilidade às agriculturas tradicionais e para isso ter elementos descritivos desses. O reconhecimento de um sistema agrícola como patrimônio imaterial enfatiza a dimensão cultural das formas de relacionamento das sociedades, e indivíduos, com o meio ambiente e com as plantas cultivadas através das práticas agrícolas. Essas não são mais percebidas como práticas meramente agrotécnicas, mas incorporam uma dimensão cultural. A diversidade dos sistemas agrícolas no Brasil espelha a diversidade cultural do país e sua diversidade biológica.



O uso da expressão *sistema*, um conjunto de elementos em interação, reflete a abrangência do bem registrado. Passar da noção de agricultura à de sistema agrícola significa evidenciar interações deste campo de atividade com outros domínios da vida social, cultural e material de um grupo e não se limitar a sua vertente funcional. Um sistema agrícola é um sistema aberto, construído em torno das relações sociedades-espacos-plantas que incorpora determinados elementos em função de contextos culturais, ecológicos, históricos ou ainda políticos.

De modo mais específico, entende-se por *sistema agrícola*, o conjunto de elementos que gravitam em torno do fato produtivo, desde os saberes, mitos e relatos, formas de organização social, práticas, produtos, técnicas, artefatos e outras manifestações associadas que envolvem espaços manejados e plantas cultivadas até as formas de transformação dos produtos agrícolas e a cultura material associada bem como os sistemas alimentares locais que

EMPERAIRE L. 2018, "Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ? (Quelles innovations pour les systèmes agricoles traditionnels ?)". *ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (Revue de recherche interculturelle du Rio Negro)*, 2, p. 21-27.

Crédits photographiques ©Emperaire /Pacta IRD-Unicamp CNPq

resultam, por parte, dessa agricultura (cf. fig. 1). A abordagem sistêmica permite reunir os contornos do material e do imaterial propiciando uma maior aproximação com a realidade vivida pelos detentores do bem e levanta a questão de como dar conta *uma multiplicidade de elementos interdependentes em um contexto sócio-cultural, econômico e ecológico de fronteiras imprecisas* (Fonseca Londres 2010).

Outro elemento metodológico importante é o de *elemento(s) estruturante(s)*, seja o(s) elemento(s) chave marcadores imateriais e/ou materiais da identidade de um determinado sistema agrícola. Pode ser uma espécie central na alimentação (as variedades de manivas no complexo multi-étnico do Rio Negro) ou em ritos (o guaraná nos Sateré-Mawé) ou ambos registros (o pequi nos Kuikuro) *etc.* Podem ser formas de manejar o espaço (agricultura de esgoto no cerrado ou de várzea nas margens do São Francisco), formas de processar alimentos com a cultura material associada *etc.* Trata-se de objetos (incluindo objetos biológicos como plantas), formas de fazer (manejo das roças, capoeiras e florestas *etc.*), conceitos e valores (a importância outorgada à diversidade das plantas cultivadas, às formas de se relacionar com as plantas, *etc.*), todos elementos que participam da identidade do sistema agrícola, e por consequência, cuja alteração ou desaparecimento descaracterizam o sistema agrícola.

Essa proposta metodológica apoiada nas noções de sistema e de elemento estruturante fundamenta por uma parte a necessária e urgente cartografia da diversidade dos sistemas agrícolas na escala do Brasil e por outra o registro como bem cultural de natureza imaterial de sistemas agrícolas em situação de vulnerabilidade.

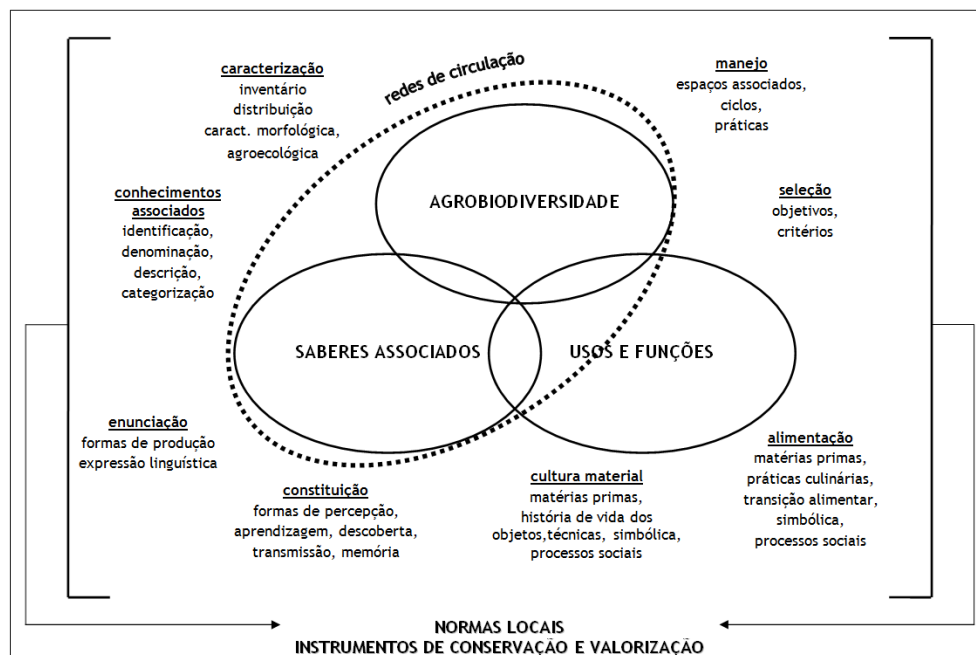


Fig. nº 1 - Temas abordados na identificação e caracterização dos sistemas agrícolas

EMPERAIRE L. 2018, "Quais inovações para os sistemas agrícolas tradicionais ? (Quelles innovations pour les systèmes agricoles traditionnels ?)". *ARU, Revista de pesquisa intercultural da bacia do Rio Negro (Revue de recherche interculturelle du Rio Negro)*, 2, p. 21-27.

Crédits photographiques ©Emperaire /Pacta IRD-Unicamp CNPq

## V. Conclusão

---

Hoje a diversidade de formas de produzir não é apenas considerada sob o ângulo da produção, agrega o da sustentabilidade dos agro-ecossistemas e o da conservação da agrobiodiversidade. Essa biodiversidade construída por grupos humanos, através dos processos de domesticação e de seleção, é também pensada em termos de reservatório genético frente às mudanças climáticas.

Instrumentos econômicos, com diferentes formas de certificação ou de reconhecimento de direitos intelectuais, adquirem um espaço cada vez mais visível nos mercados e contribuem a sensibilizar o consumidor a uma diversidade de produções. No entanto, a diversidade das formas de produzir ultrapassa o domínio dos fatos técnicos. Pertence a vários registros da vida social e cultural das sociedades. Produzir vegetais, animais ou micro-organismos, é não



somente mobilizar saberes, conceitos, ferramentas e relações sociais de caráter particular, mas é também expressar certa concepção do mundo e da sociedade.

Em termos mais contemporâneos, ressaltamos que a conservação das potencialidades dos sistemas agrícolas tradicionais passa por uma maior aproximação entre todos os atores: precisamos tornar

inteligível a todos o funcionamento desses sistemas de produção diferenciados, com suas características agrônômicas e culturais e fazer reconhecer a capacidade de expertise dos agricultores e agricultoras tanto para agregar saberes quanto para entender suas diferenças.

Fonseca Londres, M. C. (2010). Sistemas agrícolas locais como patrimônio. Retrieved from <http://muitoprazerbrasil.blogspot.com.br/2010/11/maria-cecilia-londres-fonseca-sistemas.html>